



Serra do Mar: o turismo e as alternativas de se construir a ideia de ecomercado de trabalho

Rodrigo Machado, Rodrigo Montaldi Morales

RESUMO

Este trabalho relata ações que ocorrem no âmbito do Projeto Serra do Mar, com o Programa de Jovens da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo. Essas ações vinculam-se à oficina de turismo, propondo uma formação direcionada ao turismo como vetor do ecomercado e também como recurso formativo. Um dos objetivos do texto é apresentar a construção e proposição experimental de relações entre diferentes núcleos formativos e produtivos do referido programa, partindo de breve discussão sobre a ideia de ecomercado de trabalho, tendo no turismo uma proposta integradora e o sentido de formação do programa como busca de alternativas a um padrão insustentável de relações sociais. Outro objetivo é buscar em depoimentos de alguns envolvidos a compreensão de experiência ocorrida em 2009. A finalidade do trabalho é sistematizar e registrar reflexões e compreensões diversas que orientem uma práxis que busque promover outras relações, mais solidárias e esclarecidas, entre pessoas e local onde vivem através do turismo desenvolvido em outras bases que não exclusivamente econômico-financeiras, de maneira a propor a atividade como uma forma de conservação ambiental correspondendo a outra lógica de produção direcionada a necessidades sociais. O percurso para a exposição passa pela apresentação do contexto socioambiental e da noção de ecomercado, a síntese das ações desenvolvidas e a compreensão dos envolvidos (jovens e seus familiares) em relação à experimentação da proposta.

PALAVRAS-CHAVE: Serra do Mar, Turismo, Ecomercado de Trabalho.

Serra o Mar: the tourism and alternatives to build the idea of ecomarket of work

ABSTRACT

This paper tells actions that occur in the scope of the Projeto Serra do Mar, within the Programa de Jovens do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo. These actions are linked to the Tourism workshop, considering it as a formation directed to the tourism ecomarket vector and also as formative resource. One of the objectives of this text is to present the construction and the experimentation of proposal of the interrelations between different formative and productive centers of the related program, leaving a brief discussion on the idea of ecojobs. The discussion is based on the tourism as an integrative proposal and on the meaning of formation program as a search of alternatives to an unsustainable standard of social relations. The other objective is to collect testimonials of people involved to the program during 2009 looking for their experience comprehensions. The purpose of this article is to systemize and to register different reflections and understandings that may guide to a praxis intended to promote other relations. They must be based on a solidarity and clarified actions between people and the place where they live through the tourism developed in other bases that not exclusively economic-financiers, considering the activity as an environmental conservation one that corresponds to another productive logic, directed to social needs. The way of this exposition passes through the presentation of the socioenvironmental context and the ecomarket notion, the synthesis of the developed actions and the understanding of the involved ones (teens and their families) in relation to the experimentation of proposal.

KEYWORDS: Serra do mar, Tourism, Ecomarket of Work.

Introdução

A região onde se localiza o município de Cubatão corresponde a uma das vinte e três cidades pelas quais tem contato territorial o Parque Estadual da Serra do Mar. O município, em função do desenvolvimento industrial do sudeste do Brasil, especialmente de São Paulo, arca com uma problemática socioambiental que afeta não somente os ecossistemas protegidos pela unidade de conservação, mas também as pessoas, na mesma proporção de impacto e necessidade de preocupação pela sociedade e pelo Estado.

É uma parte de nossa sociedade que está afastada de direitos básicos como trabalho, moradia, saneamento e uma educação que promova tanto a dimensão instrumental de adequação à sociedade como a emancipatória que aponte para a crítica e sua superação, não prescindindo, inclusive, de lançar mão do conhecimento construído a partir da dimensão instrumental. Dessa situação e de seus condicionantes históricos e sociais se originam impactos graves no meio ambiente e comprometem a qualidade ambiental de grandes porções do território das regiões metropolitanas de São Paulo e da Baixada Santista.

Portanto, é preciso tomarmos ciência de que, além da premente necessidade de intervir nos impactos ambientais negativos que membros dessa parte da nossa sociedade causam em ecossistemas prestadores de serviços ambientais às metrópoles, há o imperativo de a mesma sociedade buscar alternativas à lógica produtiva que ao passo que gera riquezas não as distribui de forma adequada e justa. Uma alternativa é apostar em processos educativos não formais que trabalhem formas solidárias e democráticas de organização produtiva, de baixo impacto ambiental e correspondentes a necessidades locais – materiais e imateriais.

A experiência a ser descrita a seguir expõe o contexto no qual se desenvolvem ações representativas dessa busca, bem como as ideias e conceitos que as orientam, partindo, ao final, a uma breve análise de depoimentos de participantes diretos de uma das vivências.

O contexto socioambiental: Parque Estadual Serra do Mar, Cubatão, bairros Cotas e a intervenção do Estado

As ações a serem expostas neste trabalho se referem a um determinado contexto que guarda características similares a inúmeros outros locais e regiões concebidos como metrópoles. Trata-se de um local periférico no que se refere às duas regiões metropolitanas com as quais o município de Cubatão se relaciona: de São Paulo e da Baixada Santista. Sua periferia se expressa na forma dos bairros Cotas, com cerca de 23.800 habitantes. Têm esse nome em função das curvas de nível da serra em relação ao mar. São todos imediatos ou irregularmente instalados sobre a área do Parque Estadual da Serra do Mar.

O Parque Estadual da Serra do Mar (PESM) se estende da divisa ao sul do Es-

tado do Rio de Janeiro até o litoral sul do Estado de São Paulo. Tem como área 315.000 ha, ocupando parte do território de 23 municípios. Além de proteger grande parcela da biodiversidade do bioma Mata Atlântica, o parque preserva rico patrimônio histórico, cultural, arqueológico e paisagístico. Outro fator que reforça a importância da manutenção da qualidade ambiental do local, mantendo seus ecossistemas preservados, se refere ao fato de todo o abastecimento de água da baixada ter sua origem nas bacias protegidas pelo parque. Segundo o Projeto de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar (SÃO PAULO, 2007, p.05),

A contribuição do Parque é clara para a sustentabilidade da vida, especialmente nos núcleos urbanos localizados em seu entorno. Além da constituição de belezas cênicas e paisagens notáveis, ameniza o clima, oferece a estabilização das encostas dando melhor proteção aos moradores de áreas críticas, propicia espaços para recreação, lazer e visitação pública, entre outros, sendo que os principais componentes são a garantia do suprimento de água qualitativa e quantitativamente, e, por fim, a proteção e a conservação da biodiversidade.

Considerando a ideia de periferia apresentada por Mautner (1999), essa parte da cidade carrega basicamente dois significados, "(...) um geográfico e outro sociológico: é o local longe do centro da cidade, onde moram os pobres". Tal é a realidade do denominados bairros Cotas de Cubatão, estabelecidos ao longo da Via Anchieta (afastados de áreas dotadas de infraestrutura urbana – centro – onde se estabeleceram pessoas em condições socioeconômicas frágeis).

Segundo relatório elaborado para a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), *"a construção da Via Anchieta (1942) provoca o primeiro fluxo de migrantes para Cubatão, inaugurando o processo de edificações de moradias irregulares no Município"* (COBRAPE, 2007, p.20). *"A partir da industrialização efetiva de Cubatão, em 1955, com a instalação da Refinaria Presidente Bernardes de Cubatão (RPBC), ocorre uma explosão demográfica sem precedente na história da Baixada Santista"* (FERREIRA; TORRES; BORGES; 2008, p.71).

Os mesmos autores expõem que *"historicamente há dois momentos que estouraram o surto migratório e a utilização de subabitações. Primeiro, a construção da Via Anchieta, em meados de 1940, que deu origem aos 'bairros' Cota. Segundo, a implantação do pólo industrial (...)"* (Idem, pp.75-76). A migração aliada a trabalhos informais posteriores ao término das obras, trouxeram consigo a fixação dos trabalhadores ao longo da via recém construída, além da chegada das famílias "expulsas" de seus territórios de origem em função de precárias condições de vida. Mais precárias que aquelas encontradas no local de destino: os bairros Cotas.

São bairros relativamente distantes de áreas dotadas de infraestrutura urbana básica, onde residem pessoas em situação hoje denominada de "vulnerabilidade social". Do ponto de vista legal, trata-se de ocupações irregulares. Da perspectiva ambiental, muitas residências encontram-se sob risco de desabamento. Os bairros negam

ou dificultam o acesso dos residentes a direitos básicos como saneamento.

A situação problema que motiva a intervenção do Estado no sentido de desocupar a região abarca os seguintes fatores:

- a) Moradias em situação de risco¹
- b) Degradação ambiental e descaracterização cultural;
- c) Pressão urbana;
- d) Impacto de efluentes domésticos e industriais;
- e) Extrativismo e a caça sistemática;
- f) Exploração pesqueira excessiva e desordenada;
- g) Turismo desordenado;
- h) Desocupação do PESM, em Cubatão, por força de decisão judicial.

Como forma de lidar com o problema socioambiental identificado há décadas como grave tanto do ponto de vista humano e social como também ecológico, o Projeto de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar (SÃO PAULO, 2007) atua na direção de:

- a) Remover habitações em situação de risco e construídas dentro do perímetro do parque²;
- b) Legalizar e reurbanizar as áreas com habitações remanescentes;
- c) Construir habitações àquelas famílias deslocadas, em áreas que não ofereçam risco às pessoas nem pressão excessiva aos ecossistemas locais.

A partir do exposto pelo governo do estado, compreende-se que as ações devem considerar a premissa referente à busca por pensar soluções a problemas relativos a uma dinâmica espacial que gera a incompatibilidade socioeconômica de famílias pobres, e seu consequente deslocamento a áreas periféricas de regiões metropolitanas por razões identificadas com o padrão de relações sociais em uma sociedade estratificada (CARLOS, 1999). Outra premissa se identifica com a necessidade de garantir os serviços ambientais (dentro do conceito de bens difusos) que são proporcionados a grande parte da população por ecossistemas preservados, fornecendo água, regulação climática, manutenção da biodiversidade entre outros. Ou seja, ao menos a princípio, não se deve retirar as pessoas porque estão sobre o parque, mas sim lidar com uma problemática que, além de ecológica, é originalmente social e econômica.

É necessário considerar, ainda, que medidas de remanejamento de moradias e populações que rejeitam a origem do problema da periferização tendem à curta duração, uma vez que a ausência de condições de subsistência, carências culturais e dificuldades em se integrar à economia de maneira digna fazem com que famílias inteiras retornem às áreas anteriormente desocupadas. Tal dinâmica se assemelha a um movimento centrífugo, a partir do qual o centro das cidades estabelece uma relação de forças em que aqueles mais frágeis socioeconomicamente são lançados para es-

paços cada vez mais distantes do centro, por serem economicamente mais acessíveis em função da irregularidade do lote e das deficiências infraestruturais (MAUTNER, 1999). Quando por alguma força legal retornam ao centro, mantendo-se frágeis são “levados” novamente para fora, ao mesmo ou outro espaço.

Além das ações dedicadas essencialmente aos desalojamentos e requalificação ambiental dos espaços de origem e de destino, os órgãos envolvidos com o Projeto Serra do Mar também desenvolvem ações com vistas à educação, capacitação e ampliação das condições de trabalhadores residentes nos bairros Cotas de Cubatão integrem-se ao mercado de trabalho. São cursos, treinamentos e acompanhamento de grupos de moradores, para que estes aumentem seu repertório de conhecimentos e habilidades profissionais, além de também criarem seus próprios empreendimentos, coletivos ou não.

No entanto, partindo do pressuposto segundo o qual boa parte do problema se apóia em determinada racionalidade economicista e instrumental, que por sua vez fundamenta toda a lógica de produção e organização da sociedade submetida ao capital, alternativas de formação e construção de outros modelos socioprodutivos são urgentes (LEFF, 2000, 2001, 2007). Coriolano (2006, p.14) expõe que “*a relação social determina a relação com a natureza*”. Assim, torna-se inócuo agir sobre a segunda desconsiderando a premência de transformar a primeira.

Na conjuntura marcada pela necessidade de intervenção do Estado na problemática da Serra do Mar, se desenvolve na Secretaria de Estado do Meio Ambiente de São Paulo, mais especificamente na Coordenadoria de Educação Ambiental, a promoção do Programa de Jovens - Meio Ambiente e Integração Social - da Reserva da Biosfera e da ideia de ecomercado como ações subsidiárias das diretrizes do Projeto Serra do Mar. Basicamente, uma das diretrizes busca a implantação de programas e equipamentos de educação socioambiental, de geração de trabalho e renda, capacitação profissional e desenvolvimento comunitário. O PJ MAIS corresponde, também, a uma das intervenções previstas do Projeto Serra do Mar (SÃO PAULO, 2007, p.13), que trata de promover a “sustentabilidade socioeconômica da população dos núcleos habitacionais”.

A ideia de ecomercado e o Programa de Jovens, da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde de São Paulo

Entende-se por ecomercado todo o setor produtivo de bens e serviços, que faz uso e manejo sustentável dos recursos naturais e promove condições e relações éticas, seguras e dignas de trabalho, gerando oportunidades de inclusão da população trabalhadora e consumidora.

As oportunidades de ecomercado de trabalho partem de demandas institucionais que ocorrem à medida que o mercado convencional gera vetores de degradação ambiental. Existem também demandas que refletem o interesse do consumidor por produtos saudáveis e ambientalmente responsáveis.

Segundo Serrano *et al.* (2000, p.17), o ecomercado

(...) poderia ser definido como um novo setor de desenvolvimento que incorpora de forma integrada aspectos sociais, econômicos e ambientais e onde suas atividades/modalidades se caracterizam como os instrumentais necessários para a implementação e efetivação do Desenvolvimento Sustentável.

O contexto do qual parte a demanda por refletir sobre modelos socioprodutivos alternativos àqueles identificados com o capital, bem como construir propostas concretas e experimentá-las na práxis, segundo os autores, é constituído pelos efeitos globais advindos da mundialização da economia, produzindo mudanças extremas nos padrões de absorção da mão de obra. Sem contar o grande paradoxo relativo à dimensão da alta capacidade tecnocientífica para a ampliação e reprodução do capital, estando diretamente – e contraditoriamente - relacionada ao risco de não sobrevivência dos ecossistemas “*dos quais a humanidade é parte integrante e dependente*” (SERRANO, *et al.* 2000, p.15).

É justamente neste contexto, onde fica cada vez mais evidente a necessidade de propostas que busquem a compatibilização do desenvolvimento econômico e social com a recuperação e preservação do meio ambiente, que surge o conceito de ecomercado” (Idem, pp. 16-17).

Tendo em seu horizonte formativo a construção local da ideia de ecomercado, o Programa de Jovens, da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde de São Paulo (PJ-MAIS: Meio Ambiente e Integração Social) trabalha a proposição de um curso – envolvido em uma série de vivências - a partir de quatro oficinas temáticas que visam corresponder ao referencial teórico e metodológico construído pela Reserva da Biosfera, ligada ao Instituto Florestal de São Paulo, e chancelada pela Unesco, por meio do programa “o Homem e a Biosfera”. Nos documentos relativos à ideia do programa identifica-se que se trata de um rico referencial teórico e conceitual para um processo de educação ambiental que, mesmo que não declare enfaticamente sua vinculação à corrente crítica da educação ambiental, não oferece, de forma alguma, impeditivos à promoção de uma educação que seja ambiental de maneira crítica (GUIMARÃES, 2003; 2004a; 2004b; LOUREIRO, 2006; 2009). Pelo contrário. A proposta traz em si a abertura necessária para a construção de projetos alternativos a uma lógica economicista e submetida a ganhos exclusivamente financeiros, às custas de pessoas e bens naturais e ambientais.

A ideia de ecomercado, embora não seja explícita no que se refere à proposição concreta de como organizar a produção, pois demonstra maior preocupação com os impactos desta, permite vislumbrarmos a complementaridade necessária entre as preocupações com os impactos das atividades produtivas – conceito de ecodesenvolvimento ou “ecossocioeconomia” (SACHS, 1981; 2006; 2007) – e a necessidade de repensarmos e agirmos na direção de formas de organização da produção mais jus-

tas e democráticas – conceito de economia solidária (SINGER, 1998; 2002). A ideia também se aproxima do conceito de “empregos verdes”. Segundo documento do Programa Empregos Verdes, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), o trabalho deve se dar em ambientes que gerem “empregos decentes que proporcionem rendimentos adequados, proteção social e respeito aos direitos dos trabalhadores e que permitem a estes trabalhadores expressar sua opinião nas decisões que afetarão suas vidas” (PROGRAMA EMPREGOS VERDES, 2009).

As oficinas são dedicadas a discutir e promover a formação de jovens entre 15 e 21 anos de idade, nas seguintes áreas:

Oficina de Formação Integral, dedicando-se a promover processos simultâneos de autoformação, heteroformação e ecoformação, além de propiciar oportunidades de vivências e convivências, em ambientes éticos, saudáveis, seguros e solidários.

Oficina de Consumo, Lixo e Arte, que busca debater questões como o modelo de desenvolvimento de nossa sociedade, sua dependência do atual padrão de consumo e, também, promover situações de aprendizagem de técnicas de manufatura com resíduos.

Oficina de Práticas Agroflorestais, dedicada à implantação e ao desenvolvimento de sistemas agroecológicos de produção e recuperação de áreas degradadas e manejo florestal.

Oficina de Agroindústria Artesanal, buscando envolver os jovens em uma reflexão sobre a produção e consumo de alimentos, direcionando as atividades práticas ao resgate de hábitos locais saudáveis e processamento de produtos orgânicos.

Oficina de Turismo Sustentável, cujo objetivo, em princípio, é capacitar e preparar o estudante para a atuação ecoprofissional no turismo local em bases sustentáveis.

Sobre essa última oficina é que se desenvolverá o relato a seguir, uma vez que, em Cubatão, amadurece a compreensão de que a oficina de turismo pode ser capaz de movimentar todas as outras, na composição de uma espécie de arranjo produtivo que gere renda a partir de visitas monitoradas. A intenção de observar o turismo como animador de um processo e captação de recursos externos, integrando e articulando as demais produções e serviços identificados com o conceito de ecomercado, manter a renda gerada nos ecoempreendimentos subsidiados pelo conhecimento construído nas demais oficinas.

É dessa oficina que emerge a proposição de se trabalhar a concepção de Turismo Pedagógico de Base Local, uma vez que se pretende compreender o turismo como fenômeno social complexo e anterior às buscas por defini-lo como intrinsecamente moderno e essencialmente econômico-financeiro. Estabelecemos aqui relação direta entre a ideia de Turismo Irmanado e sua complementação teórico-metodológica

que este artigo inaugura, com uma concepção de ecoturismo não como segmento ou modalidade de um mercado de turismo com base na reprodução e ampliação do capital, mas sim como uma tendência e outra concepção de turismo, inclusive oposta àquela tida como hegemônica. A relação direta com a ideia de ecoturismo se pauta pelas características ambientais do local em que se desenvolve o processo aqui descrito: ocupações periféricas na Serra do Mar, no entorno imediato de um parque estadual, unidade de conservação de proteção integral. Uma das bases da proposta é promover o contato e a reflexão sobre a construção e a configuração dos espaços que delinham a paisagem visitada, dentro e fora do parque. Questões como “por que existe o processo de periferação urbana e quais suas características?” e “por que existem unidades de conservação?” ou mais explicitamente “o que leva nossa sociedade a criar espaços protegidos de si mesma?” emergem do confronto buscado no processo e, defende-se aqui desde já, orientam uma educação ambiental crítica e emancipatória (LOUREIRO, 2005, 2006, 2009; GUIMARÃES, 2000, 2004a, 2004b). A configuração (Figura 1) desenvolvida pelos autores se aproxima de uma proposta de arranjo produtivo solidário.

A Figura 1 ilustra as possibilidades de se desenvolver um arranjo produtivo solidário a partir da visita ao NEE Cubatão com a venda de pacotes de visita. Cada pacote pode conter os serviços básicos de receptivo turístico, esses organizados pela oficina de turismo: alimentação (refeições e lanches durante os deslocamentos pelo núcleo); a monitoria nos locais visitados; a oferta de vivências ou palestras sobre produção de mudas nativas e ações de recuperação ambiental em espaço urbano, além da inclusão de manufaturados como lembrança da visita. Trata-se, portanto, de uma forma de articular as diferentes produções advindas de cada oficina, considerando, inclusive, que essas produções não necessariamente se restringem às visitas, podendo cada oficina realizar trocas comerciais tendo contato com outros mercados.

Os insumos da alimentação (produção da oficina de agroindústria artesanal) podem ser ofertados pela produção da oficina de práticas agrofloretais (hortas orgânicas). A oficina de consumo, lixo e arte pode tanto fornecer produtos e serviços para embalar produtos alimentícios como também sinalizações diversas às trilhas e demais caminhos a ser visitados, além de manufaturados a servir de lembrança da visita, além de desenvolver produtos a partir de resíduos e subprodutos da oficina de produção agrícola e floresta: sabonetes, géis etc., a exemplo do trabalho de Câmara Neto e Câmara (2008). Estes são exemplos das relações possíveis entre as oficinas do PJ-MAIS.

O mesmo contexto que dá origem à ideia de ecomercado, articulado com o PJ-MAIS e especialmente a oficina de turismo, cria condições para a

(...) ideia de desenvolvimento social, em que o turismo se põe como um dos mecanismos ou incentivo de viabilização desse processo. Sendo o turismo uma atividade de efeito multiplicador, oferece condições para o desenvolvimento de pequenas empresas (além das grandes), podendo beneficiar os mais pobres, como mostram algumas experiências (CORIOLANO, 2006, p.25).

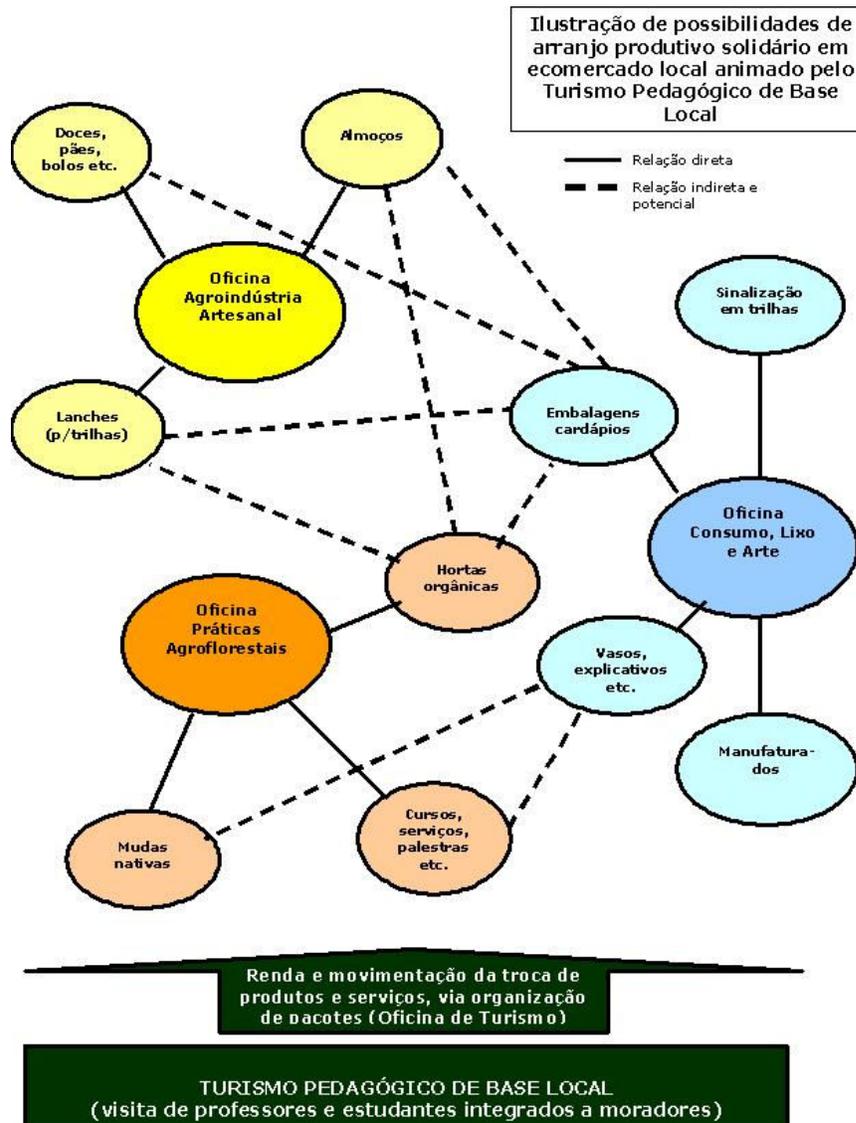


Figura 1 – possibilidades de arranjo produtivo solidário.

O Núcleo de Educação Ecoprofissional (NEE) de Cubatão e a Oficina de Turismo Sustentável

O NEE de Cubatão do PJ MAIS atende atualmente 20 jovens (1ª Turma – iniciada em setembro de 2008) residentes na área de abrangência do Projeto Serra do Mar (bairros Cotas e Adjacências), buscando formá-los e inseri-los no ecomercado de trabalho, através das oficinas já mencionadas. Uma segunda turma do NEE foi integrada em outubro de 2009 .

Considerando o cenário do município de Cubatão e suas potencialidades referentes à atividade de turismo, a Oficina Formativa de Turismo Sustentável do PJ MAIS acaba assumindo um papel relevante na formação dos jovens e nas possibilidades de construção do ecomercado de trabalho.

Esta oficina tem como objetivo capacitar e preparar o jovem para a atuação ecoprofissional no turismo local em bases sustentáveis, valorizando e conservando o ambiente, a cultura, as comunidades e o ecomercado de trabalho de suas regiões locais, com base na atuação solidária, cidadã e ética.

O quadro de referências conceituais e teóricas que subsidia as discussões e práticas da oficina de turismo articula-se a uma concepção de turismo em certa medida antagonista àquela reconhecida no senso comum – e reforçada inclusive na academia: de atividade essencialmente econômica. Trata-se de um fenômeno social (KRIPPENDORF, 2000; MOESCH, 2002; MOESCH; GASTAL, 2003), que se assume como expressão do capital em função de fatores históricos e sociais contemporâneos, assim como outras atividades humanas também o são. No entanto, o fato de reconhecer que a concepção predominante de turismo é expressão de um modo de produção e de um modelo de desenvolvimento não a faz “determinada”. A partir de tal consideração, pesquisadores e estudiosos que têm o turismo como objeto de observação dedicam-se a construir outros olhares e perspectivas de desenvolvimento do turismo, partindo da crítica ao modelo atual. Coriolano (2003, p.25) apresenta dois eixos de desenvolvimento do turismo:

(...) o global, muitas vezes vinculado às redes internacionais de hotéis, resorts, sexo, drogas, lavagem de dinheiro, com fuga de divisas e sonegação fiscal. Mas há o turismo interno, o doméstico que valoriza o lugar, que gera renda, que dinamiza a economia local, que protege o patrimônio natural, que recupera e preserva o patrimônio histórico cultural.

Desse segundo eixo, surgem discussões importantes que buscam fundamentar outras formas de conceber o turismo como fenômeno social e destinado a corresponder a demandas do núcleo receptor antes daquelas originadas dos visitantes. Uma das discussões se debruça sobre a ideia de turismo de base local ou comunitário (CORIOLANO, 2002, 2006; SEABRA, 2007; PINHEIRO, 2006, 2007; BARTHOLO; SAN SOLO; BURSZTYN, 2009). Essa concepção se dedica a promover o turismo de forma que este não produza o denominado “não lugar” (BARBOSA, 2000). Ou seja, no lugar de “turistificar” determinada localidade com base na pergunta: “o que precisa ser feito para atrair turistas a esse local?”, a questão procura inverter a lógica do planejamento: “o que o turismo possui para beneficiar esse lugar? A partir de quais premissas esses benefícios são compreendidos?”.

A característica de preparação do lugar para o desenvolvimento do turismo permanece. Contudo, no sentido de seus habitantes prepararem-se não para serem explorados como mão-de-obra barata em situações precárias de trabalho, mas sim co-

mo beneficiários e gestores da localidade e do turismo. O que atrai os visitantes, portanto, é justamente a manutenção das características locais, as pessoas e seus modos próprios de vida, sua realidade. Considerando a discussão sobre o subdesenvolvimento relativo, Coriolano (2006, p.24) afirma que *“o chamado subdesenvolvimento, com seus problemas sociais (...) pode inviabilizar políticas de turismo. (...) Essa realidade vem despertando uma nova consciência e compreensão de que sua transformação passa pela mudança do modelo de desenvolvimento”*.

Outro conceito que subsidia as discussões promovidas no âmbito da oficina de turismo do programa se refere à ideia de turismo pedagógico ou educativo (PERINOTTO, 2008; PINHEIRO, 2006; RAYKIL; RAYKIL, 2005; SILVEIRA; MARTINS; VIEIRA, 2008; TAVEIRA, 2007; VINHA, 2007). A proposta de turismo pedagógico se articula a uma proposta mais conhecida em escolas e universidades: o estudo do meio (PONTUSCHKA, 2004; PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007). Para Coriolano (2006) o turismo carrega o potencial de desencadear nas localidades e comunidades receptoras um processo socioeducacional, tanto para os residentes que podem se organizar solidária e democraticamente para receber, como os visitantes em contato tanto com lugar, como com seus hábitos e formas alternativas de organizar a produção e a prestação de serviços. E acrescenta: *“o turismo que não se firmar em bases educativas, de conservação da natureza e das culturas está condenado a ser desprestigiado e a desaparecer”* (CORIOLANO, 2006, p.29).

Para além das noções de turismo pedagógico expostas nas referências supra-mencionadas que se referem sobremaneira às possibilidades formativas direcionadas a estudantes na condição de visitantes, o que se pretende amadurecer, com base no confronto entre reflexões teórico-conceituais e experimentações sistemáticas e registradas, o debate sobre a ideia de Turismo Pedagógico de Base Local se pauta por buscar promover a formação de todos os envolvidos, sejam eles pesquisadores que se debruçam sobre uma ideia e determinada realidade concreta; moradores que se expõem a outras maneiras de compreender o local em que vivem e as dinâmicas sociais e econômicas que pautam a organização e construção do espaço urbano; visitantes que se deparam com uma realidade dinâmica que se apresenta como tal e de uma perspectiva crítica, com atores locais que os recebem para dialogar e trocar perspectivas, percepções, visões de mundo etc.

Sinteticamente, a vinculação do turismo como mediador de uma proposta educativa guarda relação com as possibilidades que se criam a partir do deslocamento do olhar e da percepção na direção de busca por esclarecimento, além daquele eminentemente físico. No caso de Cubatão, como outras localidades periféricas, a realidade socioambiental apresenta uma infinidade de temas geradores – multi e interdisciplinares - para debates entre moradores, visitantes, estudantes, professores.

No primeiro semestre de 2009 o PJ MAIS de Cubatão organizou a atividade de **Turismo Irmanado** trazendo para a cidade cerca de 120 pessoas (visitantes), entre estudantes e educadores de outros NEE, provenientes das outras regiões do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo. Essa atividade faz parte da agenda de ações da REDE do Programa de Jovens.

Segundo Renan Vinicius dos Santos Ferreira, estudante no programa,

O Turismo Irmanado teve uma grande importância, desde o primeiro momento, que foi o inventário turístico e até o final da atividade. Descobri como montar um roteiro, o que é melhor para nós que recebemos os turistas e para os visitantes, os pontos turísticos da nossa cidade, a história de Cubatão etc. O Turismo Irmanado me fez com que eu tivesse uma visão diferente de Cubatão. Vi a possibilidade que a minha cidade tem em ser uma cidade turística (certo que no momento isso ainda não é tão possível, mas aos poucos isso irá mudar e o Turismo Irmanado foi fundamental para que isso ocorresse). O Turismo Irmanado fez com que eu conhecesse novas pessoas, passasse um pouco do que aprendi sobre a minha cidade, as histórias, os pontos turísticos, a Serra do Mar, o manguezal etc. E por final, o dia 5 de julho ficará marcado, pois foi um grande dia. Dia que passamos o que sabíamos sobre a cidade para as pessoas que nunca havíamos visto e que nunca haviam conhecido Cubatão. O Turismo Irmanado vai ficar marcado, não só para mim, mas para todos os presentes (informação verbal).

O Turismo Irmanado é uma atividade proposta pela REDE do PJ MAIS dentro da Oficina de Turismo Sustentável e que tem como objetivo a experimentação de ações do ecomercado de trabalho para os jovens. A ideia do nome **Irmanado** ocorre justamente para oportunizar as experimentações de ecomercado e promover trocas e vivências entre os jovens “irmãos” de todos os núcleos do programa. Marluce de Oliveira, mãe da estudante Jenifer de Oliveira, considera que

(...) o Turismo Irmanado foi uma experiência muito especial. Conheci muitos lugares que não conhecia e descobri assim que em Cubatão tem lugares maravilhosos e que muitos moradores nem fazem ideia. As pessoas que vem de fora valorizam muitos dos nossos pontos turísticos, como o Parque Ecológico Cotia Pará, o Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Itutinga Pilões. Gostei também da prática de trilhas. Coisas que eu nem sabia que existiam em nossa cidade. Gostei também da organização dos jovens, pois os mesmos se mostraram entrosados e cientes do que estavam fazendo. Fiquei muito feliz com o entusiasmo dos jovens, apesar do nervosismo que estávamos no começo do dia – coisas que ao passar do tempo transformou-se em responsabilidade e desenvoltura e mostravam que gostavam do que estavam fazendo (informação verbal).

Conceitos e práticas de um serviço de receptivo e emissor através da elaboração e execução de um roteiro turístico de um dia são oferecidos aos demais jovens do PJ MAIS na forma de um pacote turístico mantendo as vinculações conceituais e pedagógicas, considerando valores e preços praticados no mercado convencional. Trata-se de um desafio, uma vez que a intenção é proporcionar uma visita que remunere as produções a partir dos conhecimentos construídos nas oficinas envolvidas

(alimentação e manufaturados) e serviços (planejamento, organização e monitoria das atividades com os visitantes), sem caminhar na direção de mercantilizar as relações entre visitantes e visitados, reduzindo-os a fornecedores e consumidores. Algumas das práticas de um serviço turístico receptivo são expostas nos depoimentos de Sabrina Lima dos Santos, Jenifer de Oliveira e Maria Poliana Cavalcante Lins. Segundo as estudantes,

O Turismo Irmanado me ensinou a organizar roteiros turísticos, estudar mais sobre o Parque Estadual da Serra do Mar e o Parque Ecológico Cotia Pará. Com todo o nosso esforço conseguimos um bom retorno. Os visitantes curtiram o local e aproveitaram bastante o ambiente. Participar e organizar o Turismo Irmanado foi muito prazeroso (Sabrina, informação verbal).

Com o Turismo Irmanado tive várias experiências como pesquisar sobre os pontos turísticos de Cubatão, como elaborar um roteiro turístico incluindo alimentação, transporte e entretenimento para os visitantes. Tive também a experiência de cuidar da parte financeira do Turismo Irmanado. Tivemos que nos organizar muito para deixar tudo pronto para o grande dia desse evento (Jenifer, informação verbal).

Para o acontecimento do Turismo Irmanado uma série de coisas tiveram que ser organizadas, como por exemplo: formação de como elaborar um roteiro, decisões sobre horários, lugares a serem visitados etc. Somente isso para mim foi uma experiência e um grande aprendizado pois não tinha noção de como fazer. A experiência que levo comigo até hoje é o fato de poder repassar aos visitantes o conhecimento que adquiri no PJ MAIS, pois o mais legal disso é saber que tem pessoas que se interessam em conhecer a cidade onde moramos – Cubatão (Maria Poliana, informação verbal).

A estudante Nathalia Fernanda de Jesus avalia a experiência do turismo irmanado como importante à sua formação profissional. Segundo Nathalia, “O Turismo Irmanado foi uma ótima experiência, seja em relação ao mercado de trabalho voltado para monitoria de trilhas, seja para as questões de coordenação e administração de serviços turísticos, além de trabalho em equipe” (informação verbal).

Nos depoimentos dos jovens é possível observar algumas características vinculadas à concepção de turismo de base local: de (re)conhecimento e (re)significação do lugar de moradia, propiciando sua (re)valorização. Considerando que Cubatão, sobretudo os bairros Cotas têm predominância – senão exclusividade – de migrantes e descendentes, tal processo de reconhecimento, valorização e identificação são fundamentais para gerar e reforçar o senso de pertencimento que, por sua vez, pode dar origem à noção de co-responsabilidade com o lugar. São passos importantes à construção da cidadania e participação política nos rumos da cidade, quer seja em relação direta ao turismo (COMTUR³), ao meio ambiente (CONDEMA⁴), à saúde e outras formas coletivas de participação.

Outra característica que se destaca nos depoimentos é o aprendizado profissional. Aparentemente predomina na percepção dos jovens a dimensão instrumental sobre como organizar um receptivo turístico, quais técnicas devem ser empregadas, quais procedimentos e metodologia em geral. Mesmo assim, é possível – e necessário – ser mais bem trabalhada outra dimensão da proposta formativa do curso, mais afeta a questões como a solidariedade do trabalho em grupo, a necessidade de envolver o maior número de pessoas nos benefícios gerados pelas atividades - vinculadas a necessidades (materiais ou imateriais) do lugar, reforçando e aprimorando as relações com demais grupos do município dentro da proposta dos serviços complementares às questões do turismo, a exemplo das mulheres cozinheiras dos Bairros Cotas, bem como as “Cocadeiras” que ofereceram serviços de alimentação na atividade de Turismo Irmanado. Principalmente, a ideia de compreender que é possível fazer história e construir os próprios caminhos, conscientes de que são condicionados e que também condicionam o meio em que vivem, tendo assim como desdobramento dessa atividade a possibilidade de organização e compreensão de um processo formativo da Oficina relacionado a ações de turismo pedagógico e a troca com grupos focais de estudantes.

Em síntese, é possível vislumbrar que a proposta do curso, mais especificamente a oficina de turismo, trabalha os conceitos de turismo pedagógico de base local como meio de articular atividades de baixo impacto identificadas com a noção de eco-desenvolvimento, com formas coletivas, democráticas e politicamente emancipatórias de organizar a produção, características da economia solidária.

Considerações

O trabalho se dedicou a apresentar o envolvimento de jovens com turismo como meio para diversas finalidades. Uma delas é viabilizar uma das possibilidades presentes na proposição da ideia de ecomercado. Para alcançá-las, todo um processo formativo é desenvolvido e compartilhado com jovens residentes em periferias de cidades como Cubatão, na direção de vivenciarem a construção de alternativas profissionais identificadas com os conceitos de ecodesenvolvimento e de economia solidária.

O turismo, tomado como fenômeno social que proporciona tanto o deslocamento físico como, também, de olhares e compreensões sobre o próprio local de residência, serve neste caso de argumento e incentivo para a busca de tais alternativas: uma atividade que gera renda ao passo que promove vínculos dos moradores com sua cidade, além de servir de plataforma de compartilhamento de todo o aprendizado local com os visitantes.

O mais interessante da experiência descrita, desde o contexto com sua problemática socioambiental, passando pela intervenção do estado e o desenvolvimento do PJ MAIS com jovens locais, é a oportunidade de direcionar recursos públicos para a criação de possibilidades protagonizadas por jovens moradores. Tais possibilidades apontam para o desenvolvimento de experimentações profissionais que operam lógi-

cas distintas – e até mesmo antagônicas – àquela predominante em nossa sociedade que, aliás, geram movimentos econômicos, sociais e ambientalmente excludentes. Mesmo que o apoio do governo do estado venha se justificando pela relação direta entre o formato do programa de jovens e uma das diretrizes do Projeto Serra do Mar, trata-se de uma “brecha” utilizada pelos envolvidos com a educação ambiental do estado para promover um processo essencialmente educativo considerando a necessidade de resgatar nossa relação consciente com o ambiente.

O contexto com os aspectos característicos de uma realidade que demanda ações de intervenção do Estado torna-se objeto, sem se desarticular da observação crítica das próprias soluções, medidas e ações advindas do poder público, uma vez que é evidente que não se trata de uma política pública estadual de educação ou de ecoturismo, e nem mesmo alguma orientação oficial do programa. É, de fato, uma possibilidade de atuação de profissionais da Educação Ambiental com compromisso político integrado a programas promovidos pelo governo estadual de São Paulo, estes entendidos como “brechas” na estrutura de atuação do Estado. No caso são dois programas: o da Serra do Mar cujo objeto é a remoção das famílias; o de formação de jovens, que trabalha a criação de condições para a construção do ecomercado de trabalho em nível local.

Quanto ao PJ MAIS, embora não se apresente explicitamente como um programa portador de uma formação crítica, guarda condições objetivas (em termos de referenciais, currículo e método) e subjetivas, em se tratando da compreensão de seus responsáveis acerca da problemática socioambiental de seus núcleos, para provocar circunstâncias formativas que apontem à emancipação, mesmo que relativa (intelectual, política, econômica). Transcendendo a questão da formação o programa assume a postura política de articulá-la com a busca por alternativas concretas de superação da contradição entre a necessidade de produzir e adequar o espaço às necessidades sociais e a imposição ambiental de reduzir seus impactos e findar a pilhagem de recursos naturais (incluindo-se os humanos).

Em síntese, quanto aos objetivos propostos buscou-se apresentar tanto o Turismo Irmanado e, principalmente, sua complementação teórico-metodológica denominada Turismo Pedagógico de Base Local, como meio de articular as ideias de ecomercado de trabalho; quanto ao objetivo de captar compreensões diversas dos envolvidos em relação à proposta e a experimentação da mesma, observou-se, com base nos depoimentos colhidos, a necessidade de continuidade nas reflexões, no aprofundamento teórico e conceitual da proposta e, evidentemente, nas experimentações concretas. Como fundamental pode-se compreender o envolvimento dos jovens do PJ MAIS e demais moradores nas discussões e nas elaborações mais abstratas, com base em leituras da realidade vivida. Observando relatos que sugerem maior identificação com a dimensão instrumental e adaptativa ao mercado de trabalho da formação promovida, identifica-se a necessidade premente de se buscar um contraponto crítico, que aponte a um horizonte formativo emancipatório.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Y.M. **O despertar do turismo**: um olhar crítico sobre os não-lugares. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2001.
- BARTHOLO, R.; SANZOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (orgs.). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social COPPE/UFRJ, 2009.
- CÂMARA NETO, C.; CÂMARA, I. C. Arranjos Produtivos Solidários. **Comunicações do II Congresso de Agroecologia e Agricultura Ecológica em Galiza**. 2008. Disponível em: <<http://64.233.163.132/search?q=cache:06MqB6qbnNYJ:webs.uvigo.es/cultura.tradicion.innovacion/Camara%2520Neto%2520comunicacion.doc+arranjos+produtivos+solid%C3%A1rios&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a>>. Acesso em 09 ago 2009.
- CARLOS, A.F. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1999.
- COBRAPE - Companhia Brasileira de Projetos e Empreendimentos. **Arrolamento e caracterização socioeconômica (vol.1) relatório comparativo entre os núcleos**. São Paulo: COBRAPE-CDHU, 2007.
- CORIOLOANO, L.N.M. Os limites do desenvolvimento e do turismo. **Boletim Goiano de Geografia**. 21 (2): 25-45. jun./dez.2001.
- _____. (org.). **O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local**. Fortaleza: FUNECE, 2003.
- _____. Bases conceituais do desenvolvimento e do ecoturismo. In.: QUEIROZ, Odaleia T. **Turismo e ambiente**: temas emergentes. Campinas: Alínea, 2006.
- FERREIRA, C.C.; TORRES, F. R.; BORGES, W.R. **Cubatão**: caminhos da história. Cubatão: Editora do Autor, 2007.
- GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental**: no consenso um embate? Campinas: Papyrus, 2000.
- _____. **Formação de educadores ambientais**. Campinas: Papyrus, 2004a.
- _____. Educação Ambiental Crítica. In: LAYRARGUES, P. P. **Identidades da educação ambiental brasileira** / Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente: 25-34. 2004b.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2000.
- LEFF, E. **Ecologia, capital e cultura**: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Blumenau: EDIFURB, 2000.
- _____. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. São Paulo, Cortez, 2001.
- _____. Precisamos de uma nova racionalidade. Entrevista. **Revista SENAC de Educação Ambiental**. Ano 16, n.1, janeiro/abril, pp. 8-12, 2007.
- LOUREIRO, C.F.B. Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental. **Revista Educação e Sociedade** vol. 26, (93):1473-1494, 2005.

_____. Crítica ao fetichismo da individualidade e aos dualismos na educação ambiental. **Revista Educar**, Curitiba, n. 27, p. 37-53, 2006.

_____. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental**. 3° ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MAUTNER, Y. A periferia como fronteira da expansão do capital. In: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, S.R. (orgs.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MOESCH, M.; GASTAL, S. (orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2003.

PERINOTTO, A.R.C. Turismo pedagógico: uma ferramenta para educação ambiental. **Caderno Virtual de Turismo (COPPE-UFRJ)**, v. 8, p.100, 2008.

PINHEIRO, L.L. O turista aprendiz: uma viagem na dimensão pedagógica da atividade turística em Pipa e na Prainha do Canto Verde. **Monografia** (Graduação do Curso de Bacharelado em Turismo). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2006.

_____. Turismo comunitário: alguns apontamentos conceituais. **Anais do X Encontro Nacional de Turismo com Base Local**. Tomo III. João Pessoa, 2007, pp. 481-490.

PONTUSCHKA, N.N. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J.W. (org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2004.

PONTUSCHKA, N.N.; PAGANELLI, T.I.; CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender Geografia**. Coleção Docência em Formação. São Paulo: Cortez, 2007.

PROGRAMA EMPREGOS VERDES. **Organização Internacional do Trabalho (OIT)**, Brasília: Escritório da OIT no Brasil, 2009.

SÃO PAULO (Estado). **Projeto de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar**. Secretaria de Estado do Meio Ambiente de São Paulo, 2007. (não publicado).

RAYKIL, E.B.; RAYKIL, C. Turismo pedagógico: uma interface diferencial no processo ensino aprendizagem. **Revista Global Tourism - Periódico de Turismo**, v. 2, n. 1, 2005.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir**. Trad. de E. Araujo. São Paulo: Vértice, 1981.

_____. **Rumo à Ecosocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

_____. **Desenvolvimento incluyente, sustentável e sustentado**. São Paulo: SEBRAE; Garamond, 2006.

SERRANO, O. *et al.* O ecomercado de trabalho na Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo: definição e aplicabilidade. **Cadernos da Unesco Brasil**. Série Meio Ambiente e Desenvolvimento. v.1. Brasília, 2000.

SILVEIRA, C.R. F. D; MARTINS, P.C.S.; VIEIRA, F.S. Turismo Pedagógico em Dourados/MS: uma atividade educacional. **V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – SeminTUR. Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul (UCS), 2008.

SINGER, P.. **Uma Utopia Militante**: repensando o socialismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

TAVEIRA, M.S. Turismo pedagógico: planejamento e gestão em pequenas e médias localidades. **Anais do X Encontro Nacional de Turismo com Base Local**. Tomo III. João Pessoa, 2007, pp. 254-302.

VINHA, M.L. (et. al.). O turismo pedagógico e a possibilidade de ampliação de olhares. **Hórus – Revista de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas**, Ourinhos, SP, Nº 03, 2005.

NOTAS:

¹ A partir de critérios estabelecidos e verificados pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT).

² Cerca de 70% das moradias devem ser removidas. As razões, de acordo com os critérios estabelecidos pelo IPT variam entre construção sobre área do parque, áreas de proteção permanente (APP), proximidade à rodovia, proximidade a fontes de alta tensão, alto custo para corrigir falhas estruturais, para viabilizar a reurbanização, riscos iminentes de desabamento ou outros tipos de acidentes (risco tecnológico).

³ Conselho Municipal de Turismo.

⁴ Conselho Municipal de Meio Ambiente.

Rodrigo Machado: Mestrando em Educação pela Universidade de São Paulo.

Email: rodrigomachado@usp.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8158716621756456>

Rodrigo Montaldi Morales: Coordenador do NEE Cubatão PJ MAIS.

Email: rmontaldim@yahoo.com.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4556600501832807>

Data de submissão: 28 de outubro 2009.

Data do aceite: 24 de fevereiro de 2010.